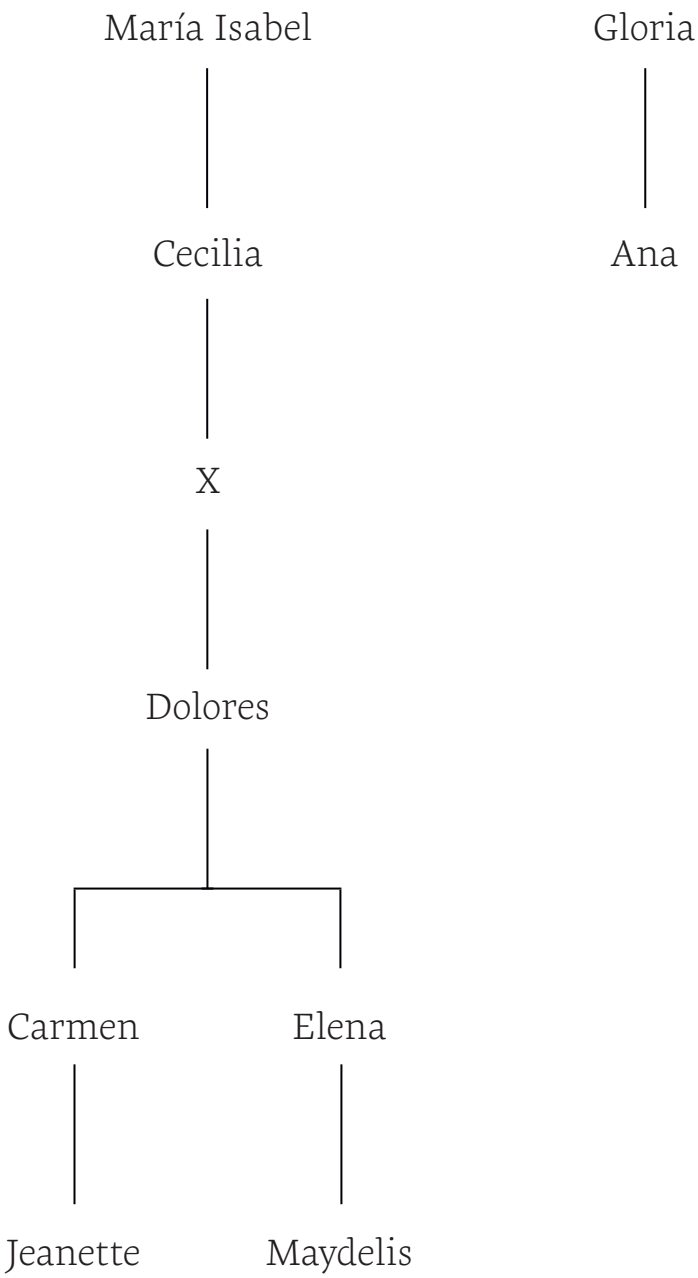

María Isabel
Gloria
Cecilia
Ana
X
Dolores
Carmen
Elena
Jeanette
Maydelis

Carmen
Miami, 2018

Jeanette, diz-me que queres viver.

Ontem, estive a ver fotografias de quando eras pequena. A pele curtida de sal, cheia de areia, com dentes em falta e a sorrir à beira do oceano, a minha única filha. Tinhas sempre um livro na mão, porque era isso que gostavas de fazer na praia. Não querias brincar, nem nadar, nem saltar as ondas. Querias sentar-te à sombra a ler.

Tu em criança, largada como uma estrela-do-mar no trampolim. Consegues ver como o nosso sorriso é assimétrico, como temos a mesma boca? Tu em adolescente, na Florida, na festa de graduação em Epcot, os pés em dois sítios diferentes. É possível, em Epcot, nesse mundo minúsculo da Disney, estar-se de pé com uma fronteira entre as pernas.

Uma filha do sol, de cabelo revirado pelo vento. Em tempos, foste feliz. Vejo-o bem, ao correr estas fotografias. Que sorrisos. Como poderia adivinhar que guardavas um segredo assim? Sei que sorriste durante algum tempo, depois deixaste de o fazer.

Ouve, eu também tenho segredos. Se parares de tentar matar-te, se ficares sóbria, talvez nos possamos sentar. Talvez tos conte e entendas porque tomei certas decisões, como a de lutar para manter a família junta. Se calhar, havia forças ocultas que nenhuma de nós examinou. Se tivesse tido forma de ver o passado todo, os caminhos, arranjaria porventura maneira de responder a esta questão: Porque se transformaram as nossas vidas nisto?

Dizias: *Recusas-te a falar seja do que for. Recusas-te a exprimir as emoções.*

Culpo-me porque te conheci a vida inteira e querias mais de mim. Há muita coisa que escondi e várias vezes mostrei-me dura de propósito. Julguei que tinha de ser forte pelas duas. Estavas sempre de rastos. Andavas destruída. Pensei: *Tenho de ser a força*.

Nunca te contei: *Passei a vida com medo*. Deixei de falar à minha mãe. Nunca te confessei o motivo que me trouxe para este país. E nunca te disse que julguei que, se não atribuísse nome a uma emoção ou uma verdade, ela desaparecia por minha vontade. *Vontade*.

Diz-me que queres viver e serei tudo o que quiseres que seja. Mas não consigo desejar vida suficiente para nós as duas.

Diz-me que queres viver.

Estava com medo de olhar para trás, porque se o fizesse veria o que aí vinha. O *antes* e o *depois*, como punhados de sal atirados à água, até não ser capaz de perceber a diferença, apesar de o sentir na tua pele sempre que seguro o teu corpo febril, a cada vez que tentas desintoxicar-te. Todas as histórias que colidiram com a nossa. Tinha medo de olhar para trás porque veria o que estava para vir.

1

NÃO DANCEM PARA LÁ DA MONTANHA DISTANTE

María Isabel
Camagüey, 1866

Às seis e meia, quando os enroladores de charutos se sentaram às secretárias diante de pilhas de folhas e o encarregado tocou a campainha, María Isabel inclinou a cabeça, fez o sinal da cruz sobre os ombros e deitou mãos à primeira folha. O leitor fez o mesmo na plataforma acima dos trabalhadores, mas as suas mãos seguraram um jornal dobrado em vez de folhas acastanhadas.

— Senhores da oficina — disse —, hoje começamos com uma carta de grande importância dos estimados editores de *La Aurora*. Esses homens das letras expressam uma sincera estima por trabalhadores cujas aspirações a tais conhecimentos — ciência, literatura e princípios morais — são o combustível para o desenvolvimento de Cuba.

María Isabel passou a língua ao longo do interior gelatinoso de outra folha, sentindo-lhe o gosto amargo e térreo, ao qual se familiarizara, quase como se tivesse nascido com ela. Pousou a folha amaciada sobre as camadas que a precediam, os veios longos numa pilha ao seu lado. Os enroladores, que podiam usufruir de quantos charutos quisessem, riscaram fósforos e deram baforadas generosas, com as mãos em concha sobre a chama. O ar tornava-se mais denso. Por essa altura, María Isabel já tinha respirado tanta poeira de tabaco que era frequente sangrar do nariz, mas o encarregado não permitia que os trabalhadores abrissem mais do que uma fresta das janelas — o sol secava os charutos. Então, disfarçou a tosse. Era a única mulher na oficina. Não queria parecer fraca.

A fábrica não era grande, segundo os padrões cubanos: tinha cerca de cem trabalhadores, o suficiente para servirem a plantação que ficava a uma milha. Um silo de madeira, ao centro, armazenava as folhas secas ao sol, escurecidas, como tiras de papel, que os enroladores levavam para os seus postos. Junto ao silo, uma escada flanqueava a cadeira em que Antonio, o leitor, se sentava.

Limpou a garganta conforme erguia o jornal.

— *La Aurora*, sexta-feira, um de junho de mil oitocentos e sessenta e seis — começou. — A ordem e os princípios evidenciados pelos nossos operários de charutos nas oficinas, o entusiasmo pela aprendizagem: não serão estes sinais claros de que estamos a progredir?

María Isabel passou em revista a pilha de folhas, separando as que tinham pouca qualidade para receberem tabaco.

— … Basta visitarem uma oficina com duzentos trabalhadores para ficarem perplexos ao observar uma ordem tão rigorosa, e vão compreender que esta só pode resultar de uma motivação que serve um objetivo comum: cumprir as suas obrigações…

María Isabel já sentia picadas de calor a espalharem-se-lhe pelos ombros. A dor agudizava-se com o passar das horas, de tal forma que, ao fim do dia de trabalho, mal conseguia levantar a cabeça. *Cumprir as suas obrigações, cumprir as suas obrigações*. As mãos moviam-se por si sós. A campainha tocava e ela olhava para a pilha de charutos, suaves como barro, surpreendida por os ter enrolado a todos. Imaginava as camadas de castanho a fundir-se umas nas outras — mesas transformavam-se em paredes, folhas tornavam-se olhos, e havia braços a multiplicar-se, num movimento contínuo, até que tudo e todos eram parte da mesma poesia física, da mesma canção feita de suor. Era hora de almoço. Estava cansada.

Havia uma única estrada poeirenta naquela cidade e estendia-se além do portão da fábrica até à plantação de açúcar uma milha abaixo, ambas propriedade de uma família crioula, os Porteños. María Isabel tomava aquele caminho para casa, o qual serpenteava pelas sombras e lhe oferecia refúgios ocasionais do sol castigador. Pensou nas palavras de Antonio: *O estudo tornou-se um hábito entre eles; hoje em dia*

largam as lutas de galos para irem ler um jornal ou um livro; agora fazem pouco da praça de touros; hoje preferem o teatro, a biblioteca e os centros de convívio que frequentam constantemente.

Era verdade que, desde que *La Aurora* expressara a natureza incivilizada das lutas de galos e de touros, o número de participantes diminuíra. Mas não era apenas a recomendação do jornal que os convencia a abrir mão dos desportos sangrentos. Também havia preocupações. Alguns trabalhadores tinham mencionado grupos de rebeldes que se insurgiam contra quem era leal a Espanha. Falavam de homens que treinavam em grupo a fim de se juntarem a outros e seguirem para oeste, para Havana. María Isabel estivera demasiado entorpecida pela morte do pai, causada por uma febre amarela demoníaca que o consumira em semanas, para reparar nisso de início, ou importar-se demasiado. Porém, era do que todos falavam.

Contudo, quando os rumores das guerrilhas chegaram àquele lado da ilha, acompanhava-os também histórias de conflitos internos no Governo. Os generais da milícia iam e vinham, substituídos sempre que os seus ideais se tornavam suscetíveis. Havana, onde se multiplicavam os casarões ocupados por famílias espanholas, contemplou a revolta com indiferença, e parecia cada vez mais provável que a rainha se impusesse com rigidez à rebelião. Para María Isabel, havia uma ansiedade latente que há muito substituíra essas noções grandiosas: *liberdade, libertação*. Detestava o desconhecido. Odiava que a sua sobrevivência dependesse de um futuro político obscuro que tinha dificuldade em antever.

Em casa. A mãe estava sentada no chão, de costas apoiadas na lama fria do *bohío*[1]. Aurelia tinha regressado do trabalho nos campos.

— *Mamá*? — María Isabel ficou alarmada ao encontrá-la assim, com um rubor invulgar a espalhar-se desde o rosto até à ponta das orelhas.

— Estou bem — disse ela. — Só cansada da caminhada. Sabes que estou cada vez menos capaz.

— Isso não é verdade.

[1] Espécie de cabana típica das zonas tropicais da América, construída com materiais rudimentares, tais como madeira, canas e palha. *(N. T.)*

María Isabel ajudou Aurelia a endireitar-se, apoiando uma mão na parede.

— *Mamá.* — Tocou a testa de Aurelia com as costas da mão, que carregava o fedor do tabaco, e por isso a mãe fez um esgar. — Sai da corrente de ar e vai descansar na *hamaca*[2], eu trato do almoço.

Aurelia afagou o braço de María Isabel.

— És uma boa filha — disse.

Caminharam até uma cama de rede estendida entre duas palmeiras.

A mãe, desgastada por décadas de perdas e de trabalho pesado, ainda conservava uma certa elegância. A pele era suave, com poucas rugas, os dentes mantinham-se saudáveis, as raízes sem manchas. Depois da morte do marido, Aurelia tivera muitos pretendentes. Homens com dentes em falta e de pele deteriorada pelo sol, com a textura de papel, que pouco tinham a oferecer em termos de riqueza — talvez possuíssem um burro e um pedaço de terra com mangueiras e bananeiras —, mas ofereciam um cuidado que ela rejeitou.

— Uma mulher não abandona o amor por Deus, nem pelo país, nem pela família — dizia, nesses dias, antes de os homens pararem de a procurar. — Vou morrer viúva, é esse o meu destino.

Mas a mãe estava cada vez mais fraca, e María Isabel via-o. Tinha-se devotado afincadamente à busca de um marido para a filha. María Isabel protestara: sentia-se mais feliz na oficina, nos campos, a suar sobre o fogo enquanto descascava *yucas* e bananas, e as atirava para uma *cazuela* de ferro com água a ferver, de mangas arregaçadas até aos cotovelos, ou a recolher o sangue de um porco num balde de alumínio, para fazer salsichas pretas e reluzentes, ou a partir um coco cheio de água com um facão. É verdade que o trabalho como enroladora de cigarros era respeitável e muito cobiçado — ela fora aprendiz durante um ano, antes de começar a receber um salário. Ainda assim, a fábrica pagava-lhe, à unidade, metade do que os homens ganhavam, e ela, como única mulher na oficina, sabia que não a viam com bons olhos. Tinham ouvido falar de uma nova invenção, em Havana — um molde que permitia que praticamente qualquer um conseguisse enrolar um cigarro com firmeza —, e receavam que María Isabel fosse o prenúncio

[2] Cama de rede. *(N. T.)*

do que aí vinha: mulheres à solta e sem habilitações, bem como crianças sujas, a preparar-se para fazer o trabalho deles por uma ninharia. Insinuaram que ela ganharia melhor se mantivesse os homens «entretidos». Tiraram um quinhão maior do seu salário para pagar ao leitor.

Em momentos como aquele, em que observava a mãe deitada de rosto afogueado na rede, através da janela, imaginava um mundo em que Aurelia não teria de trabalhar, e ela podia passar o tempo a cuidar da mãe em vez de enrolar tabaco como os homens. E assumia, com resignação, que diria que sim a qualquer homem que lhe oferecesse uma saída mais fácil. Esse era o seu destino.

Depois do almoço, vinham os romances: Victor Hugo, Alexandre Dumas e até Shakespeare; *O Conde de Monte Cristo*, *Os Miseráveis*, *O Rei Lear*. Alguns eram tão populares entre os enroladores que os seus títulos batizaram os charutos: havia o fino e escuro *Montecristo* e o gordo e adocicado *Romeu e Julieta*, as tiras adornadas com imagens de cavaleiros e de amantes condenados à desgraça.

Iam no início do segundo volume de *Os Miseráveis*, escolhido por votação num raro consenso assim que o leitor terminou *O Corcunda de Notre-Dame*. Toda a oficina aplaudira o desfecho de *Notre-Dame*, motivo pelo qual Dom Gerónimo, que dirigia a oficina como se fosse o arquidiácono malvado de Nossa Senhora, os repreendeu. Mas os trabalhadores aprovaram quando Antonio revelou que tinha uma tradução espanhola de outro romance de Victor Hugo, e que este se desenrolava em cinco volumes sobre rebelião e redenção, insurreição política e amor, o que prometia comover e elucidá-los antes do final doloroso.

Tinha sido a votação menos contenciosa de sempre na história da oficina Porteños y Gómez. E, agora, María Isabel passava as tardes a viajar muito além dos campos de cana-de-açúcar e das plantações lavadas pelo mar salgado, até à neblina da costa francesa. Na sua imaginação, percorria as estradas empedradas de Paris, molhava os pés no Sena, atravessava as pontes sobre o rio e os arcos numa carruagem, como um nobre. Alisou uma folha fibrosa entre os lábios, de respiração suspensa de antecipação conforme o inspetor da polícia Javert recapturava Valjean, o condenado em fuga. Pensou em fuga, em ser-se

recapturado. Pensou em si mesma. Em como seria se alguém escrevesse um livro sobre ela. Se alguém como ela *escrevesse um livro*.

— Uma pessoa não é ociosa por estar absorvida em pensamentos. Há trabalho visível e há trabalho invisível.

Antonio encarnava Victor Hugo com fervor, como se o próprio trabalho, o enrolar do tabaco, dependesse da sua entrega. De certo modo, dependia. María Isabel disse a si mesma que ela, uma jovem que deveria estar em casa à espera de ser cortejada, labutava naquela fábrica sufocante porque lhe tinham deixado uma tira árida de terra, mas sem um pai ou um irmão que a amparassem. Mas ansiava por cada novo dia, ávida pelos mundos que se abriam enquanto se curvava sobre as folhas, aperfeiçoando cada enrolamento e cada selagem — novidades da capital, onde só estivera uma vez, comunicações de curiosidades científicas, denúncias de proprietários de plantações bárbaros e desonestos, guias de viagens a sítios distantes que ela podia apenas imaginar.

Também havia os presentes. Estava de saída e viu Antonio ao lado do encarregado, enquanto Dom Gerónimo lia de viva voz a produção diária e as quotas. Antonio tinha atrelado o cavalo a um poste e ajeitara a sela no dorso, algo que María Isabel só vira em Havana, onde a aristocracia não cavalgava sem sela, como no interior. Ficou impressionada, e quem sabe tivesse tomado o seu olhar por algo de outra natureza, porque na manhã seguinte havia flores violetas de buganvília na sua mesa de trabalho. E Antonio, antes de começar a ler as histórias do dia, tocou no chapéu, olhou-a nos olhos e sorriu.

Ela tinha receio, claro — receio de que Dom Gerónimo visse as flores, e que a chamasse à atenção pela indecência, ou a penalizasse no salário ou, pior, a considerasse ímpia e se tornasse mais insistente. Quem saberia o que Dom Gerónimo considerava permissivo. A sua raiva mostrava-se indomável, imprevisível, sem motivo. Já a ameaçara várias vezes, uma segurando-a pela parte de trás do pescoço quando ela se distraíra com uma leitura e se tornara mais lenta a enrolar. Ficara com nódoas negras em forma de dedos durante semanas. Ninguém a defendera, nem sequer Antonio. Por isso, enfiou as flores no decote. E, à tardinha, esgueirou-se de olhos no chão, receosa de que Antonio voltasse a reparar nela e sem saber o que dizer.

Mas os presentes continuaram — uma manga madura perfumada; um frasco de tinta com uma pena delicada; uma pequena pregadeira de filigrana forjada em metal. Encontrava-os sob pilhas de folhas de tabaco e escondia-os o melhor que podia. Não mencionou aquela corte a ninguém e evitava o olhar de Antonio, embora, às vezes, ele lesse uma passagem especialmente terna e ela o relanceasse por um mero segundo, apenas para o descobrir a fitá-la.

Contudo, uma manhã encontrou-o na sua mesa, à vista de todos: um livro, de lombada azul e áspero ao toque, com páginas de um papiro fino e suave. Não sabia ler o título, e escondeu-o debaixo do parapeito dos charutos terminados. María Isabel sabia que Dom Gerónimo ia achá-la presunçosa por trazer um livro para a oficina, acusá-la de ociosidade, talvez a mandasse para casa, convencido de que uma mulher jamais poderia adaptar-se às normas rígidas essenciais ao trabalho. Mas à hora de almoço correu até casa, com o livro debaixo do braço, e, enquanto cozia inhames sobre uma fogueira, atiçava o lume com as páginas do livro. Quando teve a certeza de que a mãe não olhava, pôs-se a traçar as palavras, o dedo a descrever as curvas e as arestas abruptas das suas formas. Era como enrolar tabaco, aquela necessidade de seguir os arcos e as dobras do papel, para memorizar a sensação. Escondeu o livro debaixo da cama.

Nessa tarde, quando viu Antonio junto ao cavalo, e ainda antes de ele dizer alguma coisa, María Isabel expôs-lhe o pedido:

— Se pudesse ser atrevida ao ponto de lhe perguntar, e perdoe-me a indiscrição, qual é o título do livro que deixou na…

— O que a faz pensar que fui eu? — O sorriso de Antonio distendeu-lhe as faces salientes. María Isabel agarrou instintivamente na saia para partir.

Mas Antonio deteve-a, levando a mão ao seu braço.

— *Cecilia Valdés* — disse. — Uma novela. Não fazia ideia de que não sabe ler. Não devia ter sido tão insolente. Espero que me perdoe e aceite a minha palavra sincera em como não quis causar nenhum mal.

— Porque mo ofereceu?

— É possível que soe vulgar se lhe disser que é tal qual a protagonista, Cecilia Valdés. Se calhar, é por isso que me chamou a atenção.

Ela não soube responder, pelo que desviou o olhar e disse:

— Tenho de chegar a casa antes que anoiteça. — Depois, ele perguntou-lhe o nome.

— María Isabel, deixar-me-ia ler para si? — propôs-lhe.

— Fora da oficina?

— Seria um grande prazer.

Ela entregou-lhe o livro.

— Obrigada por essa oferta tão generosa. Mas receio que não possa aceitar.

María Isabel julgava-se pronta para se resignar, para cumprir a obrigação. *Será que alguém pode aprender a apaixonar-se por uma mente?* Observou o leitor com o seu pescoço de touro. Tornava-se engraçado que os homens achassem que era assim tão fácil conhecer uma mulher. Ia esperar até não aguentar mais.

A mãe piorava, no entanto. Percebeu por causa da tosse que a dobrava ao meio e a sacudia. Algumas noites, Aurelia estava sem apetite e retirava-se mais cedo, deixando María Isabel a comer sozinha. Ainda assim, a mãe acordava todos os dias e preparava-se para a caminhada até aos canaviais. María Isabel discutia com ela, mas Aurelia haveria de trabalhar até à hora da morte — e para lá dela, se pudesse. Ambas sabiam disso.

Então a guerra jorrou sobre Camagüey. Era inevitável, perceberam. Todos os anos, *La Aurora* comunicava que havia mais cubanos e menos empregos; a economia centrava-se no açúcar e em plantações com trabalho escravo. Também no jornal: o movimento abolicionista, os impostos de Espanha a agravar-se. Ela ouviu que o proprietário rico de uma plantação de Santiago libertara os escravos e declarara a independência de Espanha. Circulavam rumores sobre reuniões clandestinas. Porém, não esperava que aquela luta chegasse tão depressa à *sua* vida.

María Isabel acordou uma noite com o som de botas a esmagar a vegetação, e com formas de luz projetadas por lanternas nas paredes. Espreitou pela janela, mantendo-se escondida o melhor possível, e contabilizou dúzias de homens no uniforme azul e vermelho inconfundível da monarquia, as lapelas ostentavam as cores da bandeira. Transportavam

mosquetes e espadas, os rostos fechados e inquietos, e ela viu, por um instante, o que parecia ser sangue seco nas calças de alguns.

Não dormiu nessa noite e abraçou o próprio corpo quando ouviu o primeiro disparo, a mãe dormitava junto a ela e tossiu a noite inteira. Passaram dois dias assim, abrigadas à sombra das plataformas onde tinham as camas, como que atrás de escudos de madeira. Ouviam-se gritos e tiros, metal contra metal, homens cuja aflição ecoava.

Ao terceiro dia, Aurelia ficou febril e María Isabel segurou-a no colo, limpando-lhe o rosto com um pano e murmurando preces à Nossa Senhora da Caridade, enquanto a mãe era acometida de suores frios. Ao quarto dia, a luta acalmou. Tão penetrante quanto o som da guerra repentina, assim foi a intensidade da quietude que se seguiu, com o fedor da putrefação. Não comiam há dias, por isso vasculharam as latas de goiaba açucarada, de papaia e de tomate que tinham preparado meses antes, e María Isabel serviu-os à colher, aos pedaços, à mãe, que jazia de costas. Quando já estava certa de que o silêncio ia durar, aventurou-se ao longo do caminho que percorria todos os dias até ao trabalho, agora congestionado com espirais de fumo e o cheiro de palmeiras carbonizadas. Tinha de arranjar comida. Precisava de encontrar os vizinhos. À distância, via fogo, e rezou em silenciosa gratidão por a sua casa ter sido poupada. Andou pelo silêncio, de ouvidos atentos a outras pessoas e a sinais de vida. Apenas o restolhar da cana-de-açúcar e dos juncos reagia ao seu chamamento.

Então, quando fez a curva em direção à margem do rio, no qual todos os domingos lavava a roupa e se estendia ao sol, tropeçou no que pareceu ser um tronco ancorado na erva. Olhou para baixo e gritou.

Tratava-se de um homem, de olhos abertos para o céu com uma expressão de incredulidade permanente, o pescoço atravessado por uma espada, a ponta da lâmina a sair do outro lado. Sangue espesso e coagulado acumulava-se em redor da sua cabeça com as moscas a rondar a ferida. María Isabel levantou o olhar e viu o que havia para lá dele — um campo com dezenas de homens como aquele, a apodrecer ao calor, irreconhecíveis, numa massa gigante de carne queimada e, como derradeiro insulto, um porco selvagem fossava os restos mortais,

de dentes e focinho manchados de sangue escuro. Ela reconheceu o rosto de um colega da oficina de tabaco.

A vegetação agitava-se, tal como María Isabel, alheia à carnificina que testemunhara. Desatou a chover e ela deixou-se ficar ali, de pé, até uma corrente vermelha começar a serpentear em direção ao rio. Depois, correu com o seu vestido desarranjado, enlameado e encharcado, gritando pela mãe, como fazia em criança, gritando para o caminho alheado que se abria diante de si, e caiu mesmo à porta de casa, com soluços pesados.

Nessa noite, a mãe morreu.

Nada voltou a ser igual depois da escaramuça em Camagüey. A Porteños y Gomez perdeu um terço dos trabalhadores, os restantes morreram na matança que viera ao seu encontro, ou fugiram para Florida, atrás dos rumores que prometiam fábricas de tabaco que ofereciam refúgio no exílio. Dom Gerónimo partiu, e Porteños, o dono da tabacaria, passou a supervisionar o trabalho. O ambiente tornou-se mais sóbrio, as leituras mudaram.

No primeiro dia de regresso à oficina, depois de semanas de enterros e de reconstrução, Antonio tomou o púlpito e anunciou que as leituras habituais do *La Aurora* seriam suspensas, pois a rebelião atrasara a sua entrega em Camagüey. Iriam terminar *Os Miseráveis* após a hora de almoço, e começariam outro romance, de autor cubano, essa manhã.

María Isabel não conseguia olhar para ele, concentrou-se a enrolar as folhas, cingindo-as a embrulhos cada vez mais firmes.

— *Cecilia Valdés* — começou Antonio —, de Cirilo Villaverde.

As mãos tremeram-lhe. *Canudos mais firmes*, disse a si própria. *Canudos mais firmes*.

— Às mulheres de Cuba: Longe de Cuba, e sem esperança de alguma vez voltar a ver o seu sol, as suas flores ou as suas palmeiras, a quem, se não a vocês, caras cidadãs, reflexo do que há de mais belo na nossa pátria, poderia eu dedicar estas tristes páginas com tanta justiça?

A voz de Antonio transportou os trabalhadores ao longo daquela manhã deprimente. O livro falava da elite social espanhola e crioula; do amor entre cubanos negros livres e escravizados; de uma mulher

mulata e do seu papel na história da ilha. Todavia, o autor era crioulo, um homem influente. Não muito diferente dos outros autores. Depois de um almoço de pão rijo e de café amargo, sozinha na sua casa entretanto vazia, María Isabel regressou para ouvir a continuação de *Os Miseráveis*.

Os dias sucederam-se. Os pesadelos e os acessos de choro deram lugar a um colapso de cansaço. E, por algum motivo, talvez solidão, ou porque se apercebera de que não tinha ninguém no mundo, um mês depois esperou por Antonio e disse-lhe:

— Não sou a Cecilia Valdés. Seria uma honra se pudesse ler-me um texto qualquer.

Uma vez, em pequena, María Isabel acompanhara o pai ao centro de Camagüey para entregar os cestos de grãos de café de um proprietário a um vendedor do mercado. Ela observara, admirada, as famílias ricas espanholas que circulavam pelo passeio da cidade, as mulheres com sombrinhas e combinações debruadas a linho de qualidade, as crianças a brincar com aros e paus, e carregadas de pilhas de livros escolares. No mercado, observou as escravas que seguiam as mulheres brancas, carregando as compras, e como bastava às mulheres brancas apontarem para que as negras recolhessem as coisas, as suas vestes semelhantes aos aventais da província a que ela estava habituada.

Na altura, perguntara ao pai, apontando para a sua pele:

— Onde estão as pessoas como eu? — E ele apressara-a com uma palmada. As crianças não proferiam tudo o que lhes vinha à cabeça, ele recordou-a. Não faziam perguntas, respondiam. As crianças obedeciam.

Agora ela sabia a resposta. As mulheres estavam por ali, pelos campos, algumas livres e outras não, algumas tidas como crioulas. O ditame encoberto dos esclavagistas: misturar para melhorar a raça. Espanhóis, a vossa violência é uma mais-valia, está a melhorar a raça desta colónia. De modo que, a alguém como ela, podia dizer-se que não era negra. Era mulata, o que era melhor, e talvez as gerações futuras continuassem a clarear, aproximando-se cada vez mais do branco, e assumissem o ditame como seu. Algumas plantações ainda possuíam

escravos, e os camponeses que mantinham pequenas porções de terra tratavam também das dos outros. Cada um com os seus motivos, tanto os camponeses como os escravos, os fazendeiros *guajiro* e os proprietários crioulos, todos odiavam a rainha Isabel II.

Nos últimos dias da guerra, os relatórios que corriam as províncias tornaram-se ainda mais terríveis: anunciavam execuções públicas, aldeias inteiras queimadas, lavradores negros outrora livres forçados à escravidão. O povo estava esfomeado. Espalharam-se doenças que ceifavam famílias inteiras e as prisões abarrotavam de combatentes *mambises*[3]. Os seus heróis pereciam.

Ainda assim, todos os dias por uma hora, enquanto almoçavam, Antonio e María Isabel sentavam-se à sombra de uma bananeira em lições de leitura. Ele lia-lhe a poesia dos oradores cubanos e a teoria política de filósofos europeus. Karl Marx e outros tantos. Era costume debaterem. Ensinou-a a escrever o seu nome, segurou uma pena na sua mão trémula enquanto descrevia curvas e contracurvas sobre um pedaço de papel, e apesar de não saber decifrar as letras, via nas formas uma espécie de arte, de beleza.

— Tenho uma leitura especial — disse ele um dia. — Hoje à tarde. Uma guloseima para a oficina.

— Não vai ler *Os Miseráveis*? — Iam no último volume, e a sua leitura parecia o único evento pelo qual valia a pena ansiar nesses dias, quando o mero som de cascos os fazia recear mais perdas.

— Sim, mas, antes disso, uma leitura especial.

María Isabel continuava a ser a única mulher na fábrica, agora reduzida. Os outros enroladores eram pais e maridos, mas também crianças cujo comportamento grosseiro desmentia a inocência, e que fumavam *puros* maiores do que as suas mãos. María Isabel dava graças pela sua sorte — alguns daqueles rapazes tinham perdido a família inteira. Tornando-se homens no rescaldo de uma noite sangrenta, tinham despertado como guardiões dos irmãos mais novos, cujas barrigas roncavam de fome.

[3] Designação atribuída aos guerrilheiros que lutaram pela independência de Cuba no século XIX. *(N. T.)*

— O dia de hoje traz um anúncio entusiasmante — disse Antonio, do púlpito, enquanto os trabalhadores regressavam às respetivas mesas. — Uma das nossas melhores pensadoras, exilada em Nova Iorque, Emilia Casanova de Villaverde, a líder do movimento de independência das mulheres e esposa do famoso autor de *Cecilia Valdés*, escreveu a Victor Hugo. A nossa adorada *señora* Casanova de Villaverde informou o *señor* Hugo da popularidade que *Os Miseráveis* têm aqui, nas fábricas de tabaco, que levam o artesanato cubano às massas. Informou-o do espaço que as mulheres ganharam; como as suas mãos também se têm ocupado do trabalho dos homens, enquanto procuram libertar a nossa ilha. Tenho uma tradução das impressões que Victor Hugo remeteu à sua fiel admiradora Emilia Casanova de Villaverde, e a vocês, povo de Cuba.

Espalhou-se um murmúrio pela oficina, e Porteños ergueu a cabeça da mesa da contabilidade no segundo andar ao dar-se conta da distração. Mas estavam todos em silêncio e atentos enquanto Antonio desenrolava um longo pergaminho cuja tinta preta era filtrada através das fibras, à luz.

— Mulheres de Cuba, ouço o vosso pranto. Fugitivos, mártires, viúvas, órfãos, viraram-se para um fora da lei; aqueles que não têm uma casa a que chamar sua buscam o apoio daquele que perdeu o seu país. É certo que estamos subjugados; vocês já não dispõem da vossa voz, e eu conto com mais do que a minha; a vossa voz lamenta, a minha adverte. Estes dois sopros, que soluçam por casa, que clamam por casa, são tudo o que resta. Quem somos, a fraqueza? Não, somos a força.

As mãos de María Isabel tremiam, e ela tentou controlá-las, tentou dominar a raiva.

— A consciência é a espinha da alma. Enquanto a consciência está elevada, a alma sustém-se; possuo essa força em mim, e é-me suficiente. E fazem bem em contactar-me. Hei de falar por Cuba como falei por Creta. Nenhuma nação tem o direito de aprisionar outra, nem Espanha pode fazê-lo com Cuba, nem Inglaterra com Gibraltar.

Antonio hesitou, e María Isabel olhou para cima e viu Porteños a pisar pesadamente o varandim, e depois as escadas, o rosto vermelho e transpirado e os empregados silenciosos enquanto ele arrancava os papéis a Antonio e lhe ordenava que lesse apenas *Os Miseráveis*.

Recearam todos a chegada de Porteños. Os empregados sussurraram que ele, certa vez, partira as pernas a um criado insubordinado, e que sabia das greves nas fábricas de tabaco dos Estados Unidos e que dissera que daria um tiro a quem se atrevesse a queixar-se na sua oficina.

— Proíbo-o de *incitar* os trabalhadores com essas baboseiras imbecis dos artistas europeus, que pouco conhecimento têm do trabalho prático feito pelo nosso bom povo! — berrou.

Antonio fitou o pergaminho amarrotado na mão cheia de marcas do sol de Porteños. Balbuciou o que soou a um pedido de desculpas, virando-se, de modo que María Isabel só lhe via as costas. As mãos tremiam-lhe com tanto vigor que a mistura de tabaco começou a espalhar-se pelo seu colo.

Antonio voltou-se, separou as páginas do livro no púlpito, ajustou os óculos. Leu *Os Miseráveis* como se não tivesse havido interrupção. Não olhou uma única vez para María Isabel e, nesse dia, desapareceu antes que ela pudesse ir ao seu encontro junto ao cavalo. E as palavras de Victor Hugo para Emilia Casanova de Villaverde revibraram-lhe através do corpo naquela noite solitária: *Quem somos? A fraqueza. Não, somos a força.* Desejou que ele tivesse lido as palavras da própria Emilia.

A cada semana, havia menos enroladores na oficina, até serem apenas duas dúzias. Alguns tinham sido afetados pelas doenças espalhadas após as batalhas — tornou-se evidente pela palidez, mas também, porque pararam de fumar devido à respiração pesada que lhe seguia. Quando deixaram de comparecer, María Isabel assumiu que tinham morrido ou ficado tão doentes que já não conseguiam trabalhar. Outros continuavam a poupar o que ganhavam a fim de assegurarem um lugar a bordo dos navios privados e dos botes que zarpavam para Tampa. A guerra também dificultou o comércio. Chegavam menos charutos às províncias orientais, embora a procura nunca tenha cessado.

Antonio assumiu uma abordagem diferente — passou a destacar as notícias mais animadoras de *La Aurora*, o jornal tinha chegado finalmente a elas, e sugeriu novas novelas que narravam grandes aventuras, romances dramáticos. Quando terminaram *Os Miseráveis*, Antonio não

voltou a mencionar Victor Hugo. A votação também acabou. Agora era Porteños quem aprovava as leituras que Antonio espalhava sobre a sua mesa a cada alvorada, e María Isabel, às vezes, ouvia as objeções de Antonio, vencidas por um golpe de punho no tampo da mesa.

Mas à hora de almoço, enquanto comiam fruta e carne salgada sob a árvore atrás da oficina, Antonio partilhava as suas reservas. Leu-lhe a segunda carta de Victor Hugo, impressa no jornal — esta dirigida a todo o povo de Cuba —, na qual pregava a abolição da escravatura e elogiava a rebelião cubana contra o domínio colonial, dirigindo palavras de encorajamento aos rebeldes, cujos números baixavam visivelmente. Às vezes, as palavras de Hugo faziam-na chorar. Por mais do que uma vez, Antonio abraçou-a, enquanto ela se arrepiava e estremecia no seu calor. Tinha em Antonio uma amizade que não julgara possível com um homem, sendo que ele era de uma estirpe gentil e apreciava em María Isabel o mesmo espírito que tantos procuravam reprimir.

Atrás da oficina, Antonio também lhe lia *La Aurora*. Porteños proibia cada vez mais a leitura de trechos do jornal na fábrica. Era imparcial quanto a ambos os lados da guerra, mas os seus cálculos eram de origem comercial. O negócio definhava, embora Porteños se fosse aguentando, convencido de que os espanhóis haviam de ganhar, que a solução chegaria e, com isso, o regresso à prosperidade. Então foi fingindo lealdade ao Governo além-mar. E María Isabel começou a perceber porque censurava *La Aurora* — os editores estavam cada vez mais alarmados com a repressão que se apoderava do país. Denunciaram os donos das fábricas de tabaco que tinham abolido a prática de leitura para impedir o progresso da cultura, de forma a manter os trabalhadores numa ignorância calculada. Porteños estava determinado a provar que tinham razão, pensou ela.

— Eles têm a preocupação de não escrever a favor dos rebeldes — disse-lhe Antonio. — Mas a insinuação é óbvia.

No dia em que Antonio lhe pediu que se casasse com ele, foram surpreendidos, debaixo da árvore, por uma tempestade de chuva grossa e densa, e correram para o abrigo sob o beiral do telhado da oficina. Não havia ninguém por perto — nem sequer Porteños, que

fora a casa, à plantação, almoçar. Encharcada, ela soltou os ganchos do cabelo e deixou cair os caracóis em redor do rosto. Ele levantou a mão para uma mecha molhada, e ela afastou-se, incapaz de olhar para ele. Sabia que Antonio estava apaixonado por ela. Era evidente. Mas nunca tinham falado de casamento, e apesar de ele saber que não havia mais ninguém a pedir-lhe a mão, ela sabia pouco da sua família, dos seus planos. Tornou-se apreensiva em relação às suas intenções, perguntava-se se via nela um entretenimento passageiro e pouco mais.

Antonio ajoelhou-se diante dela, segurando o chapéu, o cabelo a reluzir da chuva.

— Não posso oferecer-te uma grande fortuna — disse. — Mas amo-te e prometo que te hei de amar sempre.

María Isabel disse que sim, apesar de querer dizer *talvez*. Há muito que aquele tipo de votos não significava um escape. Disse que sim porque não tinha mais nada, e um homem educado pareceu-lhe a perspetiva mais promissora que poderia conceber. E teve a impressão de que ele também buscava uma espécie de conciliação através do casamento. Nela, Antonio encontrara um modo de fugir sem ter de vaguear em busca de novas costas, descobrira um motivo para simular uma expressão mais corajosa todos os dias. Ela sabia e, apesar desse peso, aceitou o papel de libertadora de um homem assustado. Pensou que era a mulher quem forjava o futuro a partir dos escombros, sempre as personagens, nunca os autores. Sabia que uma mulher podia ressentir-se daquela posição, mas, em vez disso, haveria de encontrar uma centena de livros para ler.

Foi morar com a mãe de Antonio, viúva, e a irmã solteira. Eram gentis para María Isabel, mas ela sabia que não compreendiam porque continuava ela a trabalhar. Quando regressava a casa, ao fim da tarde, e encontrava a sogra na cadeira de balouço no alpendre, de leque na mão, evitava o seu olhar.

Como explicar que a oficina se tornara um escape? Que remendar a camisa do marido ou esmagar bananas fervidas num almofariz, sem uma palavra, sem nenhuma das palavras da oficina, vergar-lhe-ia a mente à submissão?

Quando Antonio dormia, chorava pela mãe, pelo pai, pela sua figura solitária. Procurava-o e perguntava-se se o alívio momentâneo das mãos quentes que cingiam as suas, trémulas, era amor. E sussurrava muitas vezes aquelas palavras, para se reconfortar: *Fraqueza. Não, somos a força.* Tinham-se tornado as suas palavras.

O dia em que as leituras acabaram foi soalheiro, resplandecente. Por vezes debatia-se para ver as folhas diante de si, mas nesse dia havia um véu ténue de luz que flutuava sobre cada mesa de trabalho. O ar estava tão denso, tão húmido, que María Isabel mal precisava de humedecer as folhas. Comentava-se que os *mambises* eram poucos, que o sonho de tomar Havana esmorecia. Ouvira falar de famílias que tinham desaparecido, de mártires combatentes, de generais exilados por toda a América do Norte. A paz estava a caminho, ela adivinhava-o, embora significasse rendição, escravatura, tantos mortos para nada.

Antonio estava a ler as secções autorizadas de *La Aurora*. Os editores sentiam-se mais confusos a cada edição — nunca mencionavam a *liberdade* ou a *revolta* ou a *guerra*. Mas falavam de autodeterminação, de cultura como veículo de libertação. Criticavam os proprietários de escravos e exigiam a abolição. Apelavam à força dos trabalhadores.

E os trabalhadores iam aguentando. Ocupavam os seus postos e acenavam uns aos outros, transmitindo coragem em olhares furtivos. Passavam pelos postos vazios e abençoavam-nos. Cederam mais um quinhão do salário para pagar ao leitor, sabendo que eram cada vez menos; ofereciam fruta e pão aos mais escanzelados de entre eles; deixavam charutos mais grossos e ofertas generosas de rum diante dos santos nas suas casas. As palavras de Antonio traziam-lhes conforto.

— «À juventude», um poema de Saturnino Martínez, na edição de hoje de *La Aurora*.

Oh! Não dancem — Para lá da montanha distante
Vejam como surge
Uma nuvem de bravura que, desfocando o horizonte,
Anuncia que a tempestade bravia está próxima.

Quando chegaram, os combatentes da milícia espanhola não fizeram um grande alarido. Uma batida. O *señor* Porteños levantou os olhos do seu poleiro. Os trabalhadores cruzaram o olhar com o dele. Ele apressou-se escadas abaixo, limpando a cara.

Eram três — homens esbeltos de bigode e de rostos bem-parecidos. Vinham entregar um decreto do governador. Os trabalhadores sabiam que não deviam fitá-los, mas María Isabel percebeu que faziam uma pausa no enrolar, e que se esforçavam para ouvir.

Antonio dobrou *La Aurora* e pousou-a sobre o púlpito, enquanto Porteños lia o pergaminho à sua frente e os soldados observavam. Porteños soprou as palavras e delineou cada linha com o dedo. Depois, a mão a apoiar as costas de um dos soldados, guiou-os para fora, onde continuaram reunidos a falar em sussurros.

— Senhores — disse Porteños, com um aceno. O barulho da porta a fechar-se ecoou pela oficina.

— Não vai haver mais leituras — anunciou, por fim.

Antonio manteve os olhos no chão enquanto Porteños o encaminhava para o exterior. María Isabel ouvia-lhes as vozes, mas não deslindava as palavras. Antonio soava agitado, e Porteños parecia acalmá-lo e repreendê-lo ao mesmo tempo. Depois, o silêncio, apenas o baque brusco das botas de Porteños quando ele entrou novamente na oficina e caminhou de volta até à sua mesa.

Tudo em María Isabel gritava para que fosse atrás do marido. Fechou os olhos e repetiu, silenciosamente, as palavras que a tinham amparado ao longo das últimas semanas: *Somos a força.*

Pôs-se de pé, arrumou a cadeira junto à mesa e saiu, certa de que não voltaria a passar sob o arco daquela entrada. Foi seguida por um punhado de trabalhadores. Porteños nem se deu ao trabalho de levantar o olhar.

Sabiam que arriscavam a vida. Mas María Isabel e Antonio já não se importavam. Havia algo maior do que eles a fervilhar-lhes no sangue; aquela seria a guerra deles.

Nos dias seguintes, quando os trabalhadores que restavam na oficina saíam para almoçar, María Isabel e Antonio iam ao seu encontro no

meio do canavial. Antonio tinha dificuldade em conseguir exemplares de *La Aurora*, agora que já não trabalhava para a Porteños y Gómez, mas ia regularmente à cidade em busca de notícias. Cada um dirigia-se ao ponto de encontro com uma pilha de livros, textos filosóficos e manifestos políticos, sobretudo. Os trabalhadores pagavam-lhes com pão fermentado, salsichas gordas e caldeirões de *ajiaco*[4]. Na véspera de Natal, mataram um porco e assaram-no durante horas. Todos os dias, ao meio-dia, acendiam charutos e ocupavam um lugar nas folhas de palmeira secas que pavimentavam o chão. Assentiam e aplaudiam nas passagens que os inspiravam, ou que punham em palavras o sentimento comum.

María Isabel aprendia a ler. Agora, sempre que tinha tempo livre em casa, sentava-se com Antonio durante horas e, quando todos já dormiam, passava os dedos pelas páginas ásperas à luz da vela, até o pavio se ver consumido pela escuridão.

No entanto, foram dias negros para ela, preenchidos de fome, de pânico, de luto, mesmo enquanto comemorava um segredo: estava grávida, a barriga começava a inchar e a arredondar. Sabia há meses quando decidiu partilhar a notícia com Antonio e a mãe dele; antes mesmo de deixar a Porteños y Gómez. Mas mantivera segredo. Maravilhar-se com a vida parecia algo ténue quando a morte enterrava os tentáculos em tudo o resto. Quando, por fim, contou a Antonio, ele iluminou-se como um incêndio num campo de vegetação, e decidiu resistir ao terror que o decreto do governador lançara sobre os seus espíritos com ainda maior afinco.

Mas Antonio não quis que ela continuasse a empreender a viagem até à clareira consigo. Rogou-lhe que descansasse, que repousasse à sombra. A sogra concordou em fazer compressas quentes de gaze e de algodão para as suas costas doridas, disse-lhe que se focasse nas suas prioridades. Durante alguns dias, ouviu-os e deixou-se ficar no conforto da cabana acolhedora, a guisar feijão e a bordar um gorrinho de bebé. Mas mesmo no seu estado, ansiava por sair. Continuou a fazer as viagens até os tornozelos não lho permitirem. E, depois, pôs de parte o trabalho doméstico e passou a ler horas seguidas.

[4] Sopa de batata e galinha que também leva milho. *(N. T.)*

Já conseguia unir letras e formar palavras. Maravilhou-se com a magia de tudo aquilo, como os humanos tinham pensado em gravar marcas nas pedras para contar as suas histórias, e como haviam antecipado que cada vivência seria demasiado grandiosa, demasiado interessante, devendo ser registada. Pousava uma mão na barriga e sentia *algo* no seu interior que se movia e distendia, como que em busca da própria liberdade, e parecia-lhe que o seu útero era o mundo inteiro. Queria escrever, registar a sua existência, atribuir-lhe uma vida e uma continuidade. Talvez um pedaço de si adivinhasse que a morte se insinuava.

Como descobriram os soldados? Nunca teriam a certeza, embora especulassem: quem sabe se Antonio deixara provas comprometedoras na Porteños y Gómez (a carta traduzida de Victor Hugo?) e Porteños o denunciara, ou um trabalhador o traíra, ou apenas pura má sorte — os soldados marcharem pelos campos e encontrarem a clareira, escutarem as vozes, as palavras.

Os quatro soldados foram suficientemente generosos para dispensarem os trabalhadores depois de terem interrompido a lição com estalidos de chicote, um tiro de pistola. Mas pararam diante de Antonio, debruçado sobre um dos seus livros grossos. Um deles perguntou:

— Agora, será que a tua literatura te pode salvar? — Antonio juntou as mãos atrás das costas e olhou para cima.

E María Isabel, como se soubesse, colapsou no chão de casa, a gemer, de olhos postos no líquido que jorrava debaixo dela. Apertou a mão da cunhada e gritou, suplicou aos santos. Deixou a mãe de Antonio limpar-lhe a testa e rezar junto a si. Proferiu os nomes de todos os que amara e perdera.

— Declara a tua lealdade à Coroa — disse o soldado, no campo, com a arma apontada à cabeça de Antonio.

— *Libertad!* — gritou Antonio, tão alto que esperou que María Isabel pudesse ouvi-lo, para que soubesse que lutara até ao fim.

Mas o mundo silenciava-se para María Isabel, que se debatia com as poucas forças que lhe restavam. Experimentou o sal da própria transpiração, empurrou e arquejou contra tudo diante de si, viu o quarto andar à roda, sentiu as ondas a quebrar-se no seu interior. Ouviu as vozes

da sogra e da cunhada como se lhe chegassem de longe, e sentiu-se a entrar e a sair da consciência. Os seus dedos roçaram a viscosidade do próprio sangue.

María Isabel sentiu a sogra apertar a cabeça carnuda que emergia. E ouvia a própria pulsação, no interior, alta, multiplicando-se como se estivesse a lutar pelos dois, pelos três, ondulando. *Somos a força*. E um grito de vida estrondoso jorrou de si.

Um soldado ordenou aos seus pares que levantassem as espingardas. Antonio voltou a gritar.

Houve um estrépito. Houve um «Fogo!»

O choro do bebé misturado com o barulho dos estalidos dos disparos, gritando para o céu. A mãe de Antonio cortou o cordão, pousou a criança que se contorcia nos braços de María Isabel e enrolou um cobertor sobre mãe e filho. Mas María Isabel esforçou-se para ficar em pé nas suas pernas trôpegas. Fraca, coberta de sangue e de suor, trémula. O bebé voltou a chorar, e ela apertou-o junto ao coração, a tentar recordar-se da sensação de ter os braços da própria mãe ao seu redor quando era pequena. Cecilia. Embalou-a até à exaustão, vendo-lhe os membros minúsculos a escorregar para o sono, e sem desviar o olhar dos campos emoldurados pela janela. A irmã de Antonio saíra para o procurar. Mas María Isabel já sabia que era uma tarefa inútil. Tinha sentido a verdade do momento nos ossos, na respiração. E pensou que até ouvira: um débil, quase inaudível, grito de liberdade.

Conduziu Cecilia ao peito conforme as lágrimas lhe toldavam a visão, e os novos gritos da criança acalmaram-se quando sentiu o mamilo e começou a sugá-lo. María Isabel receava ter pouco leite, pois as refeições frequentes eram cada vez mais um luxo raro. Combateu a ansiedade a respeito do tipo de alimentos sólidos que teria para lhe oferecer quando o momento chegasse. Em vez disso, fitou uma espiral de fumo, no exterior, e curvou-se sobre si própria, soerguendo-se depois numa valsa lenta. Só conseguia pensar num charuto a largar cinzas no limite de uma vida, podia quase sentir o calor escuro e amadeirado do seu amparo. Mas então, num instante, o céu ficou novamente limpo.